



A TRADIÇÃO ORAL PARA POVOS AFRICANOS E AFROBRASILEIROS: RELEVÂNCIA DA PALAVRA

*Eudaldo Francisco dos Santos Filho*¹

*Janaína Bastos Alves*²

Resumo: O presente trabalho é uma breve reflexão teórica sobre as tradições orais dos povos africanos e sua instituição entre os afrobrasileiros, para conhecer sua manifestação e propagação. Por ser a oralidade uma ação significativa para a população africana, concebemos relevante refletir sobre sua utilização na preservação e difusão do legado da África, bem como perceber sua instituição no Brasil. Utilizando uma abordagem genérica sobre o continente devido sua extensão, diversidade e riqueza tratamos de identificar a oralidade como método de transmissão de conhecimento. Portanto, trata-se de uma investigação sintética a respeito das tradições orais oriundas da África e seu estabelecimento em solo brasileiro, fundindo as duas culturas, e presente também nas religiões de matriz africana, como por exemplo, o Candomblé. Conferimos com isto a relevância da palavra dita para estes povos.

Palavras-chaves: Herança Africana; Legado Africano; Poder da palavra; Tradição oral.

THE ORAL TRADITION FOR AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN PEOPLES: RELEVANCE OF THE WORD

Abstract: The present work is a brief theoretical reflection on the oral traditions of the African peoples and their institution among Afro-Brazilians, to know its manifestation and propagation. Because orality is a significant action for the African population, we consider relevant to reflect on its use in the preservation and diffusion of the African legacy, as well as perceive its institution in Brazil. Using a generic approach on the continent due to its extension, diversity and wealth we try to identify orality as a method of transmitting knowledge. Therefore, it is a synthetic investigation about the oral traditions originating in Africa and its establishment on Brazilian soil, merging the two cultures, and also present in the religions of African matrix, such as Candomblé. We confer with this the relevance of the word spoken for these people.

Keywords: African Heritage; African Legacy; Power of the word; Traditional Speech.

LA TRADITION POUR PEUPLES AFRICAINES E AFRO - BRÉSILIENS: PERTINENCE DE MOT

Résumé: Le présent travail est une réflexion théorique sur les traditions orales des peuples africains et leur institution parmi les Afro - Brésiliens, pour connaître la manifestation et la propagation. Parce que l'oralité est une action significative pour la population africaine, nous considérons pertinent de réfléchir sur son utilisation dans la préservation et la diffusion de l'héritage africain, ainsi que de percevoir son institution au Brésil. En utilisant une approche

¹ É Coordenador do LBI - Laboratório de Biometria e Imagem, e Professor de Desenvolvimento de Projetos I, II, III, IV no Curso de Desenho Industrial e TCC I e II no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia. E-mail eudaldofilho@gmail.com

² Aluna Regular/2016.1 no Mestrado de Educação e Contemporaneidade / PPGEduc / Linha 1 / Universidade do Estado da Bahia



générique sur le continent en raison de son extension, de sa diversité et de sa richesse, nous essayons d'identifier l'oralité comme une méthode de transmission du savoir. Par conséquent, il s'agit d'une recherche synthétique sur les traditions orales originaires d'Afrique et son implantation sur le sol brésilien, fusionnant les deux cultures, et également présentes dans les religions de matrice africaine, comme le candomblé. Nous conférons avec cela la pertinence du mot parlé pour ces personnes.

Mots-clés: héritage africaine, L'Égât africain; Pouvoir du mot; Traditionnel orale.

LA TRADICIÓN ORAL PARA PUEBLOS AFRICANOS Y AFROBRASILEÑOS: LA IMPORTANCIA DE LA PALABRA

Resumen: El presente trabajo es una breve reflexión sobre las tradiciones orales de los pueblos africanos y su institución entre los afrobrasileños, para conocer su manifestación y propagación. Por ser la oralidad una acción significativa para la población africana, es relevante reflejar sobre su utilización en la preservación y difusión del legado de África, así como percibir su institución en Brasil. Utilizando un enfoque genérico sobre el continente debido a su extensión, diversidad y riqueza tratamos de identificar la oralidad como método de transmisión de conocimiento. Por lo tanto, se trata de una investigación sintética acerca de las tradiciones orales oriundas de África y su establecimiento en Brasil, fundiendo las dos culturas, y presente también en las religiones de matriz africana, como por ejemplo el Candomblé. Hemos conferido con esto la relevancia de la palabra dicha para estos pueblos.

Palabras-claves: Herencia Africana; Legado Africano; Poder de la palabra; Tradición oral.

INTRODUÇÃO

A constatação de que povos de origens estrangeiras após colonização, período entre os séculos XVI e XIX foram determinante para a construção do perfil cultural Brasileiro não é uma descoberta inovadora. Algumas influências culturais de dois povos especificamente, que aqui chegaram, os europeus (colonizadores) e os africanos (escravizados) foram fundamentais quando fundidas à cultura nativa dos habitantes originários, os índios. Diante desta afirmação, são evidentes as marcas deixadas por cada uma dessas populações nas práticas e *modus vivendi* do Brasil, e a influência africana, com forte apelo tradicional, é objeto de nossa investigação no presente escrito. Precisamente, a tradição oral constituinte de parte da África é nosso foco de pesquisa, por ser um traço peculiar que sobrevive ao tempo, mesmo com o advento da escrita. Sobre isto, Souza informa que:

A tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos de seus antepassados.



São poetas, músicos, dançarinos, conselheiros. Por isso, são denominados, de modo geral, como contadores de história. (Souza, 2005, p. 85)

Conforme a assertiva acima, os povos africanos trazidos para o Brasil, instalaram uma tradição que ainda é preservada e que mantém viva a memória nos antepassados. A tradição oral e sua apropriação, é com isso, uma construção metodológica de difusão e construção do conhecimento de alguns povos. Ela pode ser vista também como instrumento preponderante no campo religioso de matriz africana, como no caso do Candomblé e nas sociedades afrobrasileira, como herança do referido continente. Nossa abordagem trata de forma resumida a história dos povos africanos por ser relevante, embora não tenhamos condição de abranger o assunto em sua totalidade, pois a nossa investigação não alcançaria tamanha extensão. Contudo, por despertar nosso interesse de estudo, investigamos sobre as tradições orais oriundas do continente africano, e como se deu a sua constituição no Brasil, para que entendamos seu estabelecimento no Candomblé, por exemplo, sendo uma característica primordial da religião. Ressalvamos que não faremos um estudo detalhado sobre a oralidade na referida instituição religiosa, mas constatamos que sua presença é marcante nesse núcleo.

A África é um continente vasto e de grandes riquezas que aguçam o imaginário de diferentes pessoas, e acaba por equivocar muitos pesquisadores, quando estes limitam a análise, sem prestar a devida atenção à sua imensidão. Ki-Zerbo (2010, XXXII) afirma que sua história é pouco conhecida, e que, “nesse contexto, não é de causar espanto o lugar infinitamente pequeno e secundário que foi dedicado à história africana em todas as histórias da humanidade ou das civilizações.” Podemos encontrar, precisamente em relação à pesquisa sobre este continente, desde registros mais superficiais e pouco claros, até investigações mais aprofundadas e densas que privilegiam sua natural diversidade. Quando a exploração ganha em rigor científico, a produção tende a não correr o risco de ser reducionista e de conceber a África como uma região onde se produz dor e sofrimento, de uma população carente e rude, com poucos conhecimentos e cultura pobre.



Inúmeras características podem ser exploradas por pesquisadores, que não se satisfaçam com um quadro da África comumente retratado ao longo dos tempos, e que consigam visualizar as diversidades e o legado cultural do referido continente. Sendo um território de histórias das mais peculiares e de costumes diversos, não nos faltariam elementos relevantes para pesquisar e agregar mais conhecimentos à investigação científica. Certamente a África a partir de pesquisas mais rigorosas, tem muitos fenômenos e objetos a serem observados e que podem contribuir para a nossa formação enquanto acadêmicos, cientistas, pesquisadores e profissionais da educação.

Embora haja dificuldade por parte de pesquisadores e historiadores em aceitar as fontes escritas do continente africano como suficiente para desenvolver uma pesquisa sobre sua história, é possível estudá-la a partir das narrativas orais que ao longo dos tempos vem apresentando a África para o mundo. Aceitar os registros orais certamente facilita e viabiliza a pesquisa, até porque os africanos se valem da memória para transmitir o seu histórico e é justamente a memória que revela suas trajetórias. Vale ressaltar que muitos dos registros escritos foram possíveis através dos fatos contados pelo seu povo. Para estudar a África uma das possibilidades e talvez a primordial seja respeitar suas fontes e partir das suas próprias características.

Quando nos debruçamos a pesquisar parte da África, fazendo observações sobre seus países e povos, suas configurações étnicas, nos deparamos com um histórico vasto, de acontecimentos e costumes, traços culturais próprios que mostram sua abrangência. Contudo, é feito um recorte nesta produção sobre uma das principais características que são próprias do continente: a tradição oral. Falar de África é falar de um povo que construiu seu legado a partir da oralidade e essa talvez seja a explicação para a ausência de registro escrito, ou existência em pouca quantidade, mas que não é empecilho para a concretização de um estudo.

TRADIÇÃO E PROPAGAÇÃO DO LEGADO AFRICANO ATRAVÉS DA ORALIDADE

O continente africano é vasto, assim como as particularidades que lhes são próprias, logo, os estudos que envolvem essa temática apresentam diversos pontos a



serem pesquisados. Entretanto, a valorização dada aos registros escritos pode se tornar empecilho para pesquisadores que ainda não tenham compreendido a importância dos fatos revelados através da oralidade. Parte da população africana construiu seu legado histórico registrado pela tradição oral e essa também é uma forma de fazer história. Por este motivo, é imprescindível que reconheçamos o valor da transmissão oral, sem colocá-la em situação de inferioridade. Basta que, para isto, seja desmistificada a histórica inferiorização que foi lançada ao continente. Assim nos adverte Ki-Zerbo (1999, p. 10): “Antes, porém, de lançarmos uma vista de olhos sobre as dificuldades e as modalidades da investigação histórica em África, urge dismantelar rapidamente a barragem de mitos erguidos contra essa história.”

De fato, para pesquisarmos e compreendermos melhor a história da África se faz necessário que desconstruamos o que foi posto durante anos. É preciso termos em mente a certeza de que este não é um continente sem história como alguns pesquisadores talvez limitados de informações ou mesmo preconceituosos afirmem. Essa negativa se dá pelo fato de não constar uma quantidade expressiva de documentos escritos, como nos afirma Ki-Zerbo (1999), pois muitos estudiosos concebem que as fontes escritas são as únicas que validam as histórias. Todavia, o pouco registro escrito não é suficiente para justificar ou até afirmar que a África não tem história, mesmo porque, a documentação escrita que pertence ao continente basta para apresentar seu legado.

A dificuldade que nos ocorre imediatamente é a pretensa ausência de documentos. A história, diz-se, é feita com documentos escritos. Ora em África não existem quaisquer dessas fontes, ou existem muito poucas. Portanto, de nada, nada se tira. Apesar de todos os anos publicarem, no entanto, bastantes livros sobre a história da África... Com efeito, a dificuldade principal aqui também é que não nos colocamos ainda perante o problema histórico africano numa perspectiva puramente científica, humanística e africana. (Ki-Zerbo, 1999, p. 14)

A afirmativa acima nos coloca a emergência em reconhecer a história da África com os registros que esta possui, seja escrito, ainda que em pouca quantidade como o próprio Ki-Zerbo assevera ou oral, que lhe é mais difundido, isto é, numa perspectiva africana. Nesse contexto, a tradição oral é uma constante no continente africano sendo



utilizada para a integração das relações entre os indivíduos, não apenas como simples instrumento de comunicação, mas para a transmissão de saberes, valores e histórias de vida. De geração em geração a oralidade vem perpetuando as experiências e conhecimentos dos povos africanos que dessa forma construiu e propagou sua cultura. As sociedades africanas valorizam a fala com tal intensidade que a tornam sagrada, logo, esse instrumento comunicativo se faz primordial, pois está diretamente ligado ao Ser Divino da criação. Podemos observar no discurso de Bâ (2010, p. 172) que “a tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente.”

O respeito à fala está também ligado ao respeito aos ancestrais e aos anciãos, sendo estes, fontes de histórias valorizadas e perpetuadas pelos africanos. Isto indica que os ensinamentos ancestrais são alicerces da constituição das sociedades africanas, bem como as palavras proferidas pelos mais velhos têm importância e veracidade inquestionável para os seus. Por esta razão, é dada indispensável atenção aos ancestrais e aos idosos, de forma a cultivar-lhe o conteúdo transmitido e guardar-lhe como tesouro, mas um tesouro aberto a ser compartilhado, uma herança transmitida entre as gerações. Sobre isto, Bâ (2010, p. 168) ressalta que “essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são* a memória viva da África”. Podemos então compreender a importância que se dá no Candomblé à oralidade, pois é uma religião de matriz africana, e logo uma das heranças recebidas é a relevância da fala. Assim, o que é dito pelos mais velhos tem relevante significado no núcleo religioso. Quanto a isto, Machado ressalta (s/d, p. 110) que, “todos os “mais velhos” são responsáveis pelos “mais novos”. E todos os “mais novos” desejam e confiam nos ensinamentos dos “mais velhos””. Essa confiança é fortalecida pela responsabilidade com a palavra dita.

Sendo a transmissão oral de suma importância para os africanos, passando entre as gerações, os depositários se encarregam de transmitir o que lhes foi ensinado preservando as memórias coletivas e histórias de seu povo. Num exercício constante de fala, escuta e memorização, os africanos se organizaram ao longo dos tempos e erigiram seus grupos familiares e comunitários. Conduzidos pela tradição oral edificaram suas



famílias, religiões, associações e instituições diversas, e especialmente desta forma se educam. Orientados pela oralidade os indivíduos interligam-se uns com os outros e trocam conhecimentos e experiências relevantes para todos, num aprendizado coletivo.

O ato de falar requer esforços que vão além da eficiência do aparelho fonológico, a fala está imbricada no valor que a palavra tem e o que ela revela, carregando consigo a intencionalidade, o caráter do que é dito e a responsabilidade de quem está falando. Tudo o que é dito é registrado na memória africana e repetido para que não se perca o conteúdo, ou ao menos para que se conserve o máximo possível sem distorções. Isso tornou-se tradição na África, a comunicação oral é característica peculiar e preponderante de seus descendentes, que priorizam tal habilidade na interação das relações.

Por tradição, podemos compreender toda forma de se comportar e proceder de um grupo social, que se fixa em seus membros e permanece na dimensão espaço-tempo. Ou seja, mesmo com o transcorrer dos dias, das eras, o que foi construído e concebido como tradição de um povo se estabelece e tem continuidade. De forma peculiar as gerações vivenciam as tradições que lhes foram transmitidas nas práticas de vida dos seus antecessores. É, portanto um evento comunitário, não podendo ser uma atividade isolada, faz parte da existência de um grupo e por ele é cultivado. Essa perpetuação do modo de vida e dos fatos históricos das sociedades que através da oralidade registram suas experiências e trajetórias de vidas tornaram a África um berço de tradição oral.

A palavra “tradição”, portanto, só adquire seu significado pleno quando se refere a essa dimensão espaço-temporal da experiência do grupo: ela se enraíza no passado para permitir ao vivido de hoje orientar-se, sem descanso e por meio de um mesmo impulso, para o amanhã. A tradição só pode ser um ato de comunidade. Ela faz corpo com ela. Ela faz ser de novo aquilo que ela foi e aquilo que ela quer ser. Assim nos parece ser a profunda dinâmica da tradição oral na África negra. (Bonvini, 2001, p. 39)

Diante da fala de Bonvini vemos que a questão da tradição se corporifica na África por ser ela própria um ato comunitário que se concretiza pela dinâmica do grupo. Por fazer sentido à vida de seus participantes ela permanece e se recria ao passar pelas gerações, atingindo dimensões extraordinárias que não se estagna ou se limita, mas



avança o espaço-tempo. Acontecimentos tradicionais são fortemente vivificados pelos africanos sem com isso parecer uma obrigatoriedade imposta, mas ao que parece, de forma espontânea, se difunde entre os seus integrantes. Tradição é um modo de viver e de se organizar próprio de um grupo com integração e compartilhamento de experiências e lições de vida. Vansina (2010, p. 141) ressalta que “Uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte”, e assim, entendemos que o legado de um agrupamento é perpetuado.

Vivendo um “sistema” de tradição os povos interagem em seus grupos de forma unificada, em que todos se entendem por terem implícitos em si os mesmos sentimentos e convicções, é o que Bonvini (2001) chama de ato de comunidade. Por compartilharem de ideais parecidos, se não iguais, os indivíduos que vivem uma mesma tradição fazem valer os ensinamentos que lhes foram transmitidos e comportam-se de acordo com os padrões tradicionais. No que tange a tradição oral, a palavra dita tem grande relevância, pois compreende-se que a fala é sagrada, além de revelar o próprio ser, capaz de interferir no convívio entre os homens. Assim, Bâ (2010, p. 174) afirma que “na tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra - se em relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca”.

Com a oralidade os africanos interligam-se numa dinâmica que fundamenta suas existências e relações. Toda palavra tem um valor moral e reflete a magia do que é sagrado. Isso não é um caso isolado, embora a África seja um continente vasto, mas é sabido que quase toda sua extensão, talvez podemos dizer toda sua população, (ou parte dela) se apropria da fala como ponto pacífico de ligação com o outro, de transmissão de conhecimentos. A fala é utilizada em atos religiosos, educacionais, convencionais que demonstram sua importância. Na questão religiosa, segue sendo primordial nas religiões de matriz africana.

Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara –, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência,



grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. (Bâ, 2010, p. 169)

Na África a oralidade compreende uma das principais tradições que repercute em toda existência de seus habitantes e se faz presente nos relacionamentos, nas interações sociais. Daí a prudência que envolve a oralidade, pois dela são extraídas concepções e valores que formaram o legado de um povo. Os africanos reconhecem a palavra como algo divino com energias e forças invisíveis, impalpáveis, mas reais. Por isso nada pode ser dito aleatoriamente, palavras não devem ser proferidas a esmo.

Importante e com caráter divino pelos africanos, a tradição oral tem sido desde o princípio de vida da África, um instrumento que ultrapassa as gerações, inclusive é o que liga as gerações. Os mais velhos transmitem aos mais novos e estes têm a incumbência de dar continuidade às histórias de seu povo, dos seus ancestrais, fortalecendo a ligação entre eles que sobrevive ao tempo. Tudo o que é ensinado se perpetua e se propaga pela valoração com que é recebida a palavra e os ensinamentos têm com isso mais relevância.

O valor que a oralidade tem por parte dos africanos revela uma sabedoria humana que prioriza o indivíduo em seu potencial físico e integral. Ou seja, vai além da capacidade de um órgão físico fonador, mas permeia valores morais, tem sentido também com a consciência e a responsabilidade humana. Os registros publicados pela fala dependem diretamente da memória, da capacidade cerebral tida como uma “biblioteca” que arquiva acontecimentos e permite acesso a qualquer instante. Ao se conversar, adentra-se um campo invisível, mas que aciona o imaginário e consolida os fatos. Tudo o que foi vivido fica arquivado nas mentes dos africanos e a melhor forma de transmissão é a oral, que carrega consigo as emoções, o gestual, as expressões corporais sendo estes elementos indispensáveis no ato de falar. “Se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (yaa warta, em fulfulde) que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação.” (BÂ, 2010, p. 172). Isso implica também as expressões e sensações que a fala proporciona.



Quando se fala, não somente o aparelho fonológico é utilizado, mas há uma integralidade corpórea que se expressa no ato. São expressas com isso as sensações e quem escuta, se presta de fato atenção no outro, consegue perceber o que está contido na fala. Para Bâ (2010, p. 169) “a tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”, por essa razão torna-se uma ação primordial que os africanos vivenciam naturalmente e que por toda sua existência tornou-se instrumento principal de transmissão do saber. Com a fala é possível reviver os acontecimentos e também perpetuá-los.

Vale lembrar que os povos que vivem com base nas tradições orais não são pessoas iletradas que não possuem ou não desenvolveram a habilidade da escrita. É constante o senso comum ou pensamento corriqueiro interpretar que os indivíduos que se valem da fala são indivíduos que não constituem o exercício gráfico, isso é no mínimo um equívoco. Acreditar que a tradição oral existe pela falta da escrita impede que reconheçamos o valor que a oralidade tem para os africanos que depositam na fala também a ligação e conexão com seu passado, com seus ancestrais e possibilidade de propagarem suas lembranças. Para Vansina (2010, p. 140) “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade.” Portanto, o fato de ter a fala como elemento de grande importância, talvez podemos afirmar preponderante por parte dos africanos, não lhes caracteriza a escassez de habilidade na escrita.

Uma sociedade que se vale dos registros orais tem igual validade e sua cultura deve ser preservada e reconhecida, isso não quer dizer que tenha a oralidade maior ou menor importância que a escrita. Antes mesmo de desenvolver a escrita os seres humanos desenvolvem a fala, e ambas as habilidades têm suas relevâncias na esfera humana. Todavia, existem povos que priorizam a fala dando continuidade à tradição em que foi constituída sua existência e formação. Ki-Zerbo (1999, p. 20) questiona: “não é, de resto, a tradição oral cronológica e logicamente anterior ao aparecimento da escrita? No princípio era o verbo. E depois a tradição oferece pontos de referência comprovados.” A descrença e/ou a dificuldade em aceitar a narrativa oral são os principais empecilhos para a compreensão da história da África. Uma supervalorização da escrita resulta no não reconhecimento dos registros orais com que o continente africano erigiu seu legado.



A raridade dos documentos escritos representa, no entanto, um dos principais problemas para a historiografia africana. Convida-nos ela a juntarmos-nos com entusiasmo à escola histórica mais moderna, mais compreensiva, mais progressiva, mais rica de possibilidades para a exploração do passado: a dos defensores da história total. Tudo pode ser histórico para o historiador atento. Tudo, e não apenas as datas de batalhas ou os tratados, os nomes dos príncipes e dos presidentes de república. O homem tornou histórico tudo aquilo que tocou com sua mão criadora: a pedra como o papel, os tecidos como os metais, a madeira como as jóias mais preciosas. Não negamos, longe disso, o valor das provas escritas. (Ki-Zerbo, 1999, P. 17)

Decerto que não apenas a escrita pode documentar a história de um povo, pois diversos elementos podem comprovar a excelência dos fatos. Fotografias, esculturas, objetos pessoais também ajudam a contar uma história. Imaginemos um africano com todo seu domínio oral se valendo de objetos históricos para descrever suas vivências, isso também registra as memórias e acontecimentos. Esse exemplo superficial foi apenas para ilustrar que a tradição oral pode vir acompanhada de instrumentos materiais para exprimir história. Porém, vale lembrar que a oralidade independe de um adereço material para ser comprovada, ela por si já diz, conta e valida os fatos. Vale salientar também, que a fala pode transmitir a história de forma que nem mesmo a escrita pode dar conta.

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidade que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são considerados “muito insignificantes” – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. (Joutar, 2000, p. 33)

A fala não deve ser equivocadamente associada ao “desprestígio” de uma vida iletrada nem mesmo deve ser relegada a valor inferior à escrita. Não se trata de uma disputa ou concorrência de qual habilidade seria a melhor, mas sim da identificação cultural de um povo. A forma como a história é feita não pode ser superior ao próprio conteúdo desta, e não somente a escrita tem importância na construção desta. “Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura.” (Bâ, 2010, p. 167)



Quando Bâ nos chama atenção para o equívoco que as sociedades modernas lançam sobre a oralidade da África, nos convida a refletir sobre o que de fato tem importância, se o saber e os conhecimentos construídos e difundidos por um povo ou a forma que esse saber é constituído. A enriquecedora história da África e sua contribuição para a cultura do mundo não deixa de ter valor pelo fato de ser tradicionalmente construída através da oralidade. Até porque, sua consistência é robusta, sobrevive ao tempo, e sendo tradição, por si nos revela que resiste ao tempo e tem continuidade entre as gerações.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, potencialmente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (Bâ, 2010, p. 167)

Uma sociedade que prioriza a escrita, talvez não reconheça ou sequer perceba a importância da fala que para os africanos é fundamental. O advento da escrita pode ter “ocultado” o valor da oralidade por parte de algumas civilizações, mas com a África o acontecimento não invalidou nem mesmo inferiorizou a tradição oral. Enquanto inúmeras sociedades validam o que está escrito, posto no papel, a africana continuou ao longo dos tempos cultivando a palavra falada como um ato sagrado potencial e indispensável para transmissão de saberes e vivências. As manifestações humanas na África, historicamente, se baseiam na tradição oral para viver e dar continuidade à sua cultura. Por isso, os africanos dão importância à fala, pois, somente aqueles que se formaram através da oralidade sabem o valor que esta tem. Em Bâ (2010, p. 169) teremos resposta no que diz respeito à valorização da oralidade para africanos e seu estranhamento a outros povos, ele nos diz que “pode parecer caótica àqueles que não lhes descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas.”

É evidente a importância da escrita, um fato que também vem facilitando a comunicação entre as pessoas e não queremos, portanto, diminuir sua relevância. A escrita registra e documenta os fatos e memórias de forma diferenciada da fala, sem com isso podermos fazer nenhuma consideração mais consistente sobre a eficácia do



método no presente trabalho. As sociedades pautadas na tradição oral sabem do valor que tem a escrita, mas reconhece a oralidade como um evento anterior e que no decorrer do tempo fez valer seus ensinamentos. Antes da escrita, os africanos viviam um processo de ensino-aprendizagem que não se perdia e que sobreviveu e vem sobrevivendo de modo a ter continuidade em tempos atuais, tamanha a sua força e valor. Em relação a isto, Bâ afirma:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (Bâ, 2010, p. 168)

De fato, a oralidade é anterior à escrita, pois quando ainda não havia registros gráficos o ser humano já se relacionava com o outro e compartilhava saberes e experiências através da fala. Mesmo havendo a escrita como instrumento de comunicação e difusão do conhecimento, a tradição oral se mantém firme por ter sido cultivada e estruturada pelas suas sociedades. Tais grupos, no qual a transmissão oral é preponderante não deixaram de viver com base em sua tradição, ao contrário, aderiu o sistema gráfico sem deixar de viver a oralidade como fator primordial de suas existências.

Nas sociedades africanas, como nos afirmou Bâ (2010), a tradição oral é predominante. Todos os indivíduos são transmissores das histórias e dos saberes, visto que esse exercício é passado de geração para geração. Todavia, existem as pessoas responsáveis especificamente por essa atividade. São os tradicionalistas, sujeitos tidos como mestres de seu povo, de sua comunidade que tem a incumbência de repassar o conhecimento e os ensinamentos que lhe fora ensinado. A responsabilidade a eles depositada deve ser correspondida e estes devem transmitir, sobretudo através do exemplo que acompanha a palavra.

Os tradicionalistas são líderes de um grupo formado dentro da sua sociedade, conhecedores de um saber específico sem com isso ser um especialista de apenas um ramo do conhecimento, têm conhecimentos de diversas áreas. Podem transmitir um



conhecimento específico, como também pode abarcar em seus ensinamentos diferentes ciências. “Mas não nos iludamos: a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o “Conhecedor” é um “especialista”. Na maioria das vezes, é um “generalizador”” (BÂ, 2010, p. 175). Ou seja, os tradicionalistas têm vasto conhecimento não se limitando apenas um especialmente, porém, podem ficar responsável por um ou mais saber. Ainda em Bâ (p. 174), “Os grandes depositários da herança oral são os chamados “tradicionalistas”. Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas. Quem são esses mestres? ”

Em bambara, chamam-nos de *Doma* ou *Soma*, os “Conhecedores”, ou *Donikeba*, “fazedores de conhecimento”; em fulani, segundo a região, de *Silatigui*, *Gando* ou *Tchiorinke*, palavras que possuem o mesmo sentido de “Conhecedor”. Podem ser Mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador, etc.) ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos. Assim, existem *Domas* que conhecem a ciência dos ferreiros, dos pastores, dos tecelões, assim como das grandes escolas de iniciação da savana – por exemplo, no Mali, o Komo, o Kore, o Nama, o Do, o Diarrawara, o Nya, o Nyaworole, etc. (Bâ, 2010, p. 175)

Numa sociedade que a tradição oral é imperativa, ter os tradicionalistas, pessoas reconhecidas como mestres, responsáveis pela transmissão de um determinado conhecimento só realça o quanto é importante a oralidade na África. Os africanos depositam na fala a possibilidade de mostrar sua existência, de propagar seu legado, difundir os conhecimentos das gerações antecessoras para as atuais e conseqüentemente as posteriores. Parece-nos que essa atividade que requer o exercício da memória e do aparelho fonológico não tem limitações de como ou quando acontecer, ocorre no cotidiano das comunidades e faz valer as relações entre os indivíduos.

Na tradição oral como bem já vimos, todos são responsáveis em dar continuidade a uma corrente sucessora de acontecimentos e fatos. Bâ (2010) nos trouxe o exemplo dos tradicionalistas e com estes, podemos perceber que há os indivíduos “escolhidos” para a importante atividade de repassar o conteúdo de seu povo. Contudo, é possível sugerirmos que tal escolha se dá pelo caráter que este indivíduo deve ter para ser um transmissor específico. Entre as grandes virtudes valorizadas na tradição oral está a veracidade com que serão transmitidos os ensinamentos e histórias. Pois, o



homem vale do que fala, e a palavra deste deve revelar seu caráter. Portanto, mais do que um conhecedor o tradicionalista deve ser um homem de palavra, que honra sua fala. Bâ (2010, p. 168) nos relata que “[...] lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é.”

O trecho supracitado nos mostra que além de valorizar a fala, o que na África é ponto pacífico é a ligação homem-palavra. O valor que tem a palavra também revela o valor que tem o homem, num compromisso que não se finda. Esse fato nos ensina a dinâmica da tradição oral que vai muito além do simples ato de falar e carrega consigo o peso que a palavra tem, pois como já foi dito, para os africanos nada deve ser dito irresponsavelmente. Isso requer sabedoria e responsabilidade que nortearam e fundaram a cultura africana.

A oralidade transporta o homem ao seu passado, conduz pelo presente prepara para o futuro, interligando os sujeitos comunitários e as gerações continuamente. A tradição oral é intrínseca à sua condição humana, é própria da sua vivência e rege suas vidas constituindo seu pertencimento na comunidade e no mundo. Por esse motivo, Machado (1999, p. 73) assevera que “A tradição oral, portanto, baseia-se na concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo. Ela envolve uma visão singular do mundo – um mundo concebido como um todo, onde as coisas se religam e interagem. ” Assim sendo, a fala também garante a participação do homem à sua história e constrói sua cultura, faz sua interação no espaço-tempo.

A tradição oral movimenta as relações humanas e orienta suas vidas. Todo comportamento dos pertencentes do grupo é orientado pelos seus companheiros e os saberes transmitidos e compartilhados são consolidados. As experiências trocadas têm efeito moral e revela o valor que tem a vida em comunhão sob as bases de uma tradição. Com a oralidade transfere-se mutuamente os conhecimentos e perpetua o grupo, superando a individualidade que assola a humanidade e ultrapassa as fronteiras invisíveis que separam as pessoas. Na tradição oral a palavra direciona, instrui e é um dos fatores de sobrevivência grupal. Assim, vemos em Bonvini:



Ora, em contexto de oralidade, é a troca direta da palavra que permite a transferência da experiência no meio do grupo, e por aí, a sua vida e sobrevivência. Este intercâmbio como fato comunitário, situa-se além do intercâmbio lingüístico interindividual. Ele é, além disso, endossado por “palavras organizadas”, estreitamente ligadas à experiência total do grupo, aquela do passado, do presente e do futuro. São palavras “comunitárias”, atravessada de um lado a outro por todo o vivido do grupo, orientadas para este vivido num vai-e-vem dialético, no qual o vivido se reflete nas palavras e no qual estas, uma vez proferidas, repercutem por sua vez no vivido. (Bonvini, 2001, p. 39)

Conforme o autor, a tradição oral faz parte dos sujeitos organizados em grupos e desencadeia uma série de ações que interligam suas vidas e constituem suas sobrevivências. Um fator que se vale do intercâmbio lingüístico e faz a interação comunitária. Através da palavra o conteúdo de uma comunidade e as experiências dos seus participantes são compartilhadas, orientando-lhes o comportamento. Ordenadamente e conscientemente proferidas, as palavras disseminam os valores do grupo e efetivam a identidade dos membros envolvidos.

A repercussão que a oralidade toma ultrapassa os limites do próprio grupo que em contatos com os demais indivíduos das diversas organizações sociais acabam por transmitir-lhes seus costumes. Um conhecimento não deve estar preso a um determinado indivíduo ou grupo, ao contrário deve ganhar espaços sem fronteiras e agregar o corpo cultural de diferentes povos. O contato com o outro enriquece o desenvolvimento humano e o compartilhamento dos saberes faz com que uma proporção maior de indivíduos e sociedades interaja. Com isso uns transferem aos outros seus valores e o que têm conhecimento. A tradição oral facilita essa interação social.

Por este motivo, por acreditar que a palavra circula e interliga os indivíduos e que é a fonte principal de transmissão dos saberes e acontecimentos é que os africanos reproduziram suas vivências e transportaram a outros povos com que conviveram. Disseminaram seu modelo de se organizar e difundir o conhecimento visto hoje não apenas na África, mas em localizações para além do seu continente, ultrapassando as fronteiras. A tradição oral se espalhou de maneira a ocupar outras sociedades, diversos povos que também passaram a se consolidar a partir desta. É possível que seja a origem



no fato das religiões de matrizes africanas constituídas no Brasil dêem valor á oralidade e se orientem através da fala, sem se pautarem em um registro escrito. No convívio com os africanos, é possível que tenhamos herdado a cultura das tradições orais.

TRADIÇÕES ORAIS NO BRASIL, UM TRAÇO AFRODESCENDENTE

No continente africano a tradição oral é prevalecente como já vimos e orientam os grupos sociais nas diversas áreas, institucionais tais quais a família, a comunidade, inclusive na educação, sendo um instrumento imprescindível na construção e transmissão do conhecimento. É também ferramenta indispensável nas religiões, podemos até dizer que é o principal instrumento constituinte nas religiões de matriz africana e sua difusão. Os africanos conseguiram com a oralidade se manterem organizados e levaram consigo esse exercício peculiar por onde passaram. Nos territórios em que estiveram, deixaram como herança a tradição oral que perdura com o passar dos tempos.

Os povos que tiveram contato com os africanos aprenderam com eles a conviver e difundir seus conhecimentos a partir da tradição oral. Nas relações entre culturas e nas trocas de experiências fundiram-se costumes e saberes que passaram a orientar os grupos sociais. No Brasil, por exemplo, uma das principais heranças oferecidas pela África foi a tradição oral, que compõe diversas comunidades afrobrasileiras, especialmente no contexto religioso. As práticas religiosas brasileiras com origem nas matrizes africanas perpetuam e recriam a oralidade mantendo a tradição. É o caso do Candomblé.

Com base nas tradições orais herdadas da África, os afrodescendentes brasileiros compunham um quadro de propagação da oralidade, especialmente entre as comunidades de Terreiro que privilegiam a fala sobre a escrita. No Candomblé não há livros sagrados para ensinamento da religião, mas existe a dinâmica dos ensinamentos orais que movimenta o povo de axé. Ensinamentos esses que são transmitidos pelos mais velhos aos seus mais novos e que baseiam-se nos ancestrais divinizados.



O brasileiro desenvolveu o costume da conversa e a oralidade também prevalece em suas vidas. As pessoas, mesmo habilitadas com a escrita exercitam a fala com maior frequência nas relações e interações sociais. Cotidianamente os seres humanos, vivendo em comunidades, se utilizam da expressão oral, seja numa conversa informal, num relato pessoal, ou ao contar um fato. Contudo, não devemos reduzir a tradição oral herdada da África como um exercício de simples contação de história. Para os africanos o exercício da fala não se limitava a isto, era predominante por perpetuar os ensinamentos entre as gerações, e era comumente valorizada por todos, numa dinâmica de interação, como observa Bâ (2010, p. 169): “certamente ao que alguns possam pensar, a tradição oral africana, com efeito, não se limita a histórias e lendas, ou mesmo a relatos mitológicos ou históricos, e os griots estão longe de ser seus únicos guardiães e transmissores qualificados.”

Herdamos uma tradição oral da África que se faz presente em nossos vocábulos, em nossas manifestações religiosas e culturais. Os africanos nos deixaram um legado de festas e crenças, bem como o estigma da escravização, já que em período colonial o contato com os remanescentes do continente africano misturava as dores do regime escravocrata, a fé e festejos próprios desse povo. Tudo isso ajudou construir também a nossa cultura, que Bonvini destaca:

Ora, não há dúvidas que existiu e ainda existe no Brasil uma tradição oral bastante viva, de origens francamente africanas e que constitui uma verdadeira herança de conhecimentos de todas as ordens, transmitidos de boca em boca através dos séculos, apesar de um contexto particularmente hostil e de um desenraizamento brutal devido à escravidão. Esta herança é constituída de inúmeras “palavras organizadas”: formulas rituais, rezas, cantos, contos, provérbios, adivinhações... algumas em línguas africanas, e outras, as mais numerosas, em português. Através destas “palavras”, é bem uma “alma” africana que sobreviveu e que vive ainda hoje no Brasil. (BONVINI, 2001, p. 40)

De fato, os africanos nos deixaram a herança da tradição oral que se propaga também em nossas comunidades. Na vida campestre e até mesmo em alguns centros urbanos o costume de prostrar é corriqueiro entre pessoas. Nos intervalos do trabalho, das aulas, nos encontros casuais, nas filas de supermercados, na relação com a vizinhança, os brasileiros costumam “bater um papo”, ter um instante de prosa, como



costumamos dizer. Nesses momentos não apenas são ditas palavras sem sentido para passar o tempo, mas muitas trocas de saberes e conhecimentos se efetivam. Informações são compartilhadas nessas ocasiões favorecendo os falantes numa troca de fala e escuta.

Podemos até mesmo afirmar que, assim como na África, a tradição oral difunde o conhecimento entre as gerações também no Brasil. Os conhecimentos transmitidos de pais para filhos, por exemplo, se baseiam na oralidade e se concretiza pelo valor da palavra e pelo respaldo que o transmissor tem, pelo que este representa. Ouvir um mais velho é sinônimo de respeito e de valorização da sua fala, isto repercute entre os africanos e os afrobrasileiros. Ressaltamos novamente que isso não é apenas da cultura africana, mas este é o nosso recorte, relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa. A escuta do outro consagra as relações e constituem uma cadeia de entendimentos que fortifica a ligação e o envolvimento entre as partes. Essa máxima é excelência nos Terreiros de Candomblé.

É pertinente conhecer a maneira como foram estruturados e consolidados os remanescentes do continente africano no país. Como já ressaltamos, um estudo sobre a tradição oral africana se fez pertinente, assim como concebemos relevante fazer uma breve reflexão sobre a introdução da cultura oral africana no Brasil. Isso pode nos ajudar a perceber e compreender porque a oralidade também tem forte apelo e relevo nos grupos brasileiros que se organizaram influenciados pelos africanos, especialmente os que cultuam os ancestrais divinizados, os filhos do Candomblé.

Os africanos empreendendo o esforço de perpetuar suas origens e sua cultura, em um esforço de manter vivos os ensinamentos dos seus antepassados, vivenciaram a tradição oral intensificando seu valor. Levaram consigo as histórias de seu povo e compartilharam suas experiências, transmitido através da oralidade, agregando novos membros para a tradição. Apartados de seus descendentes diretos no contexto de escravização, a fala foi seu principal instrumento de preservação e perpetuação dos seus princípios originários.



Foi com a manutenção da tradição oral que os africanos no Brasil resgataram e revelaram suas origens. Nesse processo, as disseminações de seus costumes passaram também a fazer parte dos nossos, ou seja, fomos influenciados culturalmente na interação com os povos da África que aqui chegaram. Entre a relação África-Brasil, o contexto oral fundiu e difundiu as culturas de ambos interligando seus povos. Essas inter-relações favoreceram o intercâmbio cultural e nos deixaram particularmente a riqueza da tradição oral que continua fazendo parte de nossas vidas. Com ela também compactuamos nossas crenças e nossas convicções, também transmitimos nossas histórias e conhecimentos, especialmente no que se refere às religiões de cultos aos ancestrais divinizados. Bonvini discorre,

Podemos de fato considerar a tradição oral, atestada atualmente no Brasil como um incomparável sucesso de uma vontade individual e coletiva de se impor a um ambiente particularmente hostil, pois os negros conseguiram salvaguardar suas crenças e suas sensibilidades, e continuar eles mesmos, apesar de tudo, e melhor ainda, tornar suas crenças atrativas os olhos daqueles que, por sua cultura, são os descendentes diretos de seus antigos mestres. Daí a proliferação atual dos cultos afro-brasileiros, verdadeiros centros culturais africanos no Brasil. (Bonvini, 2001, p. 41)

Independente do contexto de escravização com que os africanos foram trazidos aos Brasil, aqui chegando, embora as lutas travadas contra o regime escravocrata nos apresentaram suas crenças e costumes, seu legado cultural. Trouxeram consigo a fé na palavra e nos ensinaram o poder, a mágica que a fala tem. Talvez nem mesmo tivessem tido a pretensão de implantar em solo brasileiro modelo de estruturação, mas compartilharam suas convicções, possivelmente de forma natural, sem com isso ter a intencionalidade de propor um novo sistema. Todavia, essas atitudes eram parte da resistência à escravidão e também uma forma de continuarem vivendo seus costumes.

Diante da resistência e da vontade de perpetuar seus costumes e continuar suas histórias, em suas trajetórias os africanos viveram da maneira mais próxima que viviam na África. Certamente absorveram a cultura brasileira fundindo-se em uma só e oportunamente mostraram-nos o seu modo de viver. É sabido e notório que tivemos influencia dos africanos na produção do nosso tecido cultural e na nossa organização social. Em Silva (2003, p. 158) veremos que “a importação continuada de escravos fazia



com que a África reinjetasse permanentemente a sua gente e, com ela, os seus valores no Brasil. ”

Chegando ao Brasil os africanos tiveram desafios a serem vencidos: lutar contra a escravidão e formar seus grupos pertencentes, entre os seus iguais ou mais próximos. Como a entrada de escravo no país era constante e de forma violenta devido o tráfico de escravos, eles formaram comunidades e apesar das lutas e sofrimentos conseguiram implantar suas estruturas e organicidade à medida que iam sendo trazidos. Embora estivessem fora de seus territórios, e longe dos seus pares, tentaram dar continuidade às suas vidas o mais próximo do que viviam na África. Essa foi uma forma de sobrevivência. “No território brasileiro, reis e nobres africanos vendidos por seus desafetos como escravos, buscaram, algumas vezes, reconstruir o pouco que podiam das estruturas políticas e religiosas das terras de onde haviam partido.” (Silva, 2003, p. 54)

Em contato com africanos, os brasileiros receberam a contribuição destes para a construção da sua cultura. A África está presente no Brasil no que diz respeito às artes, musicalidade, e na crença religiosa. Houve um intercâmbio cultural inegável e com o passar dos tempos foi possível identificar essa imbricação. Na verdade, tanto a África nos ensinava como também os africanos passaram a introduzir em sua cultura os traços brasileiros. As vindas e idas dos africanos favorecia a troca dos costumes e saberes entre os dois povos e geravam novos comportamentos originários dessa interação.

O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético do brasileiro. Por sua vez, em toda outra costa atlântica se podem facilmente reconhecer os brasileirismos. Há comidas brasileiras na África e há comidas africanas no Brasil. (Silva, 2003, p. 72)

Com o exemplo de Silva, da fusão entre brasileiros e africanos conferimos o quanto o encontro entre os dois povos foi proveitoso para ambos. Contudo, o que nos importa com maior relevância é a percepção da tradição oral africana no Brasil. Isso não é tarefa difícil de conferir, basta atentarmos para o nosso próprio cotidiano fundado nas atividades orais. É possível verificar a oralidade e sua proeminência no nosso dia a dia, nas contações de casos que circulam de geração para geração, começando pela família e



se estendendo aos grupos sociais diversos pelos quais fazemos parte. A interação com a comunidade em que vivemos é um dos meios em que se pode ver a tradição oral.

Apesar da supervalorização da escrita no mundo ocidental, dos livros serem reconhecidos como principal instrumento de informação pela educação formal, o conhecimento é gerado primeiramente através da oralidade. Com a tradição oral se educa e com a palavra se estabelece o saber. A fala dita não passa despercebida especialmente quando tem a intenção de instruir e transmitir valores. Ainda que recorramos aos materiais escritos para orientar ou apresentar um conteúdo, é através da oralidade que as explicações ganham sentido e as expressões gestuais que acompanham a fala intensificam a força da palavra. É importante deixar claro que essa produção não tem intenção de confrontar a oralidade com a escrita, mas atentar para a constituição das tradições orais entre povos africanos e afrobrasileiros. Quando Bâ cita Tierno Bokar, contribui para o nosso entendimento no que diz respeito a fala e o saber. Vale ressaltar que Bokar foi Grande Mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali).

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (Tierno Bokar, apud BÂ, 2010, p. 167)

Os africanos fizeram no Brasil seus construtos e se firmaram de forma resistente. À medida que chegavam os conterrâneos da África, os que já estavam por aqui iam se fortalecendo e arquitetando seus espaços. Muitas vezes, na maioria das vezes, chegavam povos de diferentes lugares da África, mas a identificação entre eles fazia com que se organizassem em novos grupos e essa também era uma forma de resgatar suas origens. Com os seus compatriotas puderam instalar novas culturas interligando o continente africano de diferentes etnias com as peculiaridades brasileiras.

É importante assinalar que o homem africano, deslocado do seu continente para o “novo mundo” na condição de escravo, achou-se em um novo espaço, em uma nova condição humana, em uma natureza completamente desconhecida e com o “outro” a servir de referencial para relações inteiramente novas, diferentes das conhecidas no continente de origem. Entretanto, mesmo despojados de todos os



seus bens materiais, arrancados de sua rede familiar e de seus espaços ancestrais, mantém-se portador de imaginário próprio, de uma carga simbólica agora fundamental para sua reorganização, visando a domesticar uma natureza nova, restabelecendo um novo cosmos no seu universo temporariamente desestruturado. (Serrano e Waldman, 2007, p. 142)

Permanecer em terras que não são as suas de origem não é tarefa simples, principalmente em contexto de escravidão. Por esse motivo, enquanto eram explorados e lutavam pela libertação, os africanos agrupavam para perpetuação de suas próprias origens, mas tendo nesse processo uma reciprocidade de influências culturais com os brasileiros. A preservação de suas memórias e histórias era exercitada através da tradição oral. No cotidiano de uma nova experiência fora de seus berços civilizatórios mostraram ao Brasil o modelo de organização com base na oralidade e que seu pertencimento no mundo é direcionado pela tradição oral.

Na relação com os africanos, os brasileiros experimentaram a riqueza dos ensinamentos que estes trouxeram da África. A partir do convívio, novos povos foram sendo gerados e fundiu-se uma nova estrutura social não mais apenas de africanos, tão pouco apenas de brasileiros, mas sim da consolidação entre os dois mundos. Passava então a existir a cultura afrobrasileira com traços marcantes dos africanos e traços marcantes dos nativos do Brasil. Um destaque dessa fusão é sem dúvida a importância com que a tradição oral continuou sendo cultivada e utilizada para formação dos indivíduos afrobrasileiros. Cada vez mais se fortalecia a prática da oralidade. Inclusive, a prática oral permanece latente no Candomblé, sendo esta uma religião de matriz africana.

Como se pode constatar, a tradição oral afro-brasileira longe de se enfraquecer em razão do dilaceramento operado pela escravidão e pelas condições particulares desfavoráveis para a sua manutenção, soube guardar uma vitalidade extraordinária. Ela guarda esta vitalidade, por um lado pela determinação dos negros que escolheram como um dos meios mais eficazes para guardar a sua própria identidade de homens, e por outro lado, por sua dupla ancoragem: a noção africana da palavra e sua inserção no universo religioso afro-brasileiro. A urgência de sua coleta não se impõe, portanto, por causa de um risco de desaparecimento, mas pelo fato de que nós estamos ainda muito longe de conhecer todas as suas riquezas e desenvolvimento. (Bonvini, 2001, p. 47)



Assim como na África, no Brasil também a tradição oral definia a crença nos ensinamentos e saberes ancestrais. Passou-se a valorizar as falas dos antepassados de tal forma a continuar sua proliferação. Tudo que era dito pelos mais velhos, que por sua vez repassavam o que lhe foi contado pelos seus anteriores, era compreendido e tido como verdade absoluta. Dessa maneira os brasileiros também iam construindo suas famílias e seus grupos comunitários. Essa característica pode ser melhor percebida na formação do Candomblé, pois os terreiros dão relevância total aos ensinamentos dos ancestrais e tudo se professa através da oralidade. É na fala e nas articulações gestuais que são transmitidos os saberes das entidades religiosas.

No exercício de preservar as falas dos mais velhos, dos antepassados, alguns brasileiros corroboravam com a tradição oral africana e assim também se posicionavam no mundo. O sentimento de pertencimento no mundo era desenvolvido com base nas tradições orais e no valor que a esta era empregado. A fala concretizava a comunicação entre os membros dos grupos e mantinha a inter-relação com outros. Aumentava-se com isso a cadeia de ligação entre os indivíduos proporcionada pela tradição oral. Em rodas de conversas se transmitia as concepções de um determinado sujeito ou grupo e todos os membros se inteiravam dos acontecimentos que os envolviam.

Cultivar a palavra dos mais velhos, sobretudo dos ancestrais era de grande importância e era também uma forma de manter a conexão com estes, e isso foi ainda mais consagrado entre os adeptos do Candomblé que se constituíram através da tradição oral. Essa atividade tornava possível o acesso aos seres invisíveis, às entidades sagradas de quem os afrobrasileiros cultuavam e continuam cultuando na referida religião. Ainda na atualidade temos conhecimento dos povos que se baseiam nos ditos sagrados dos seus ancestrais, é assim que acontece com os povos de santo, ou de axé como também são denominados. Com a tradição oral os valores são transmitidos e os indivíduos são educados, não há um escrito sagrado, mas sim falas sagradas e consagradas.

A sacralização da palavra dita é muito mais que um mero exercício de comunicação, como já vimos, é a consolidação dos ideais de um povo e a oportunidade de continuar suas histórias. Os mais velhos ensinam e transmitem seus valores e saberes



e os mais novos absorvem e assumem naturalmente a responsabilidade de dar seguimento à tradição. Conseqüente a isto, perpetua-se entre as gerações valores como respeito, honestidade e verdade na transmissão dos saberes, o que veremos melhor nas seções que se seguem deste trabalho. O ato de escutar é fundamental para que as palavras não se percam e não se tornem vazias, até porque, nenhuma palavra é dita sem que tenha um valor a ser transmitido. Isso faz com que ela tenha sentido e dê sentido à vida das pessoas. De geração para geração, a tradição oral é consagrada e valorizada.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é a tradição oral. A tradição oral pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. (Vansina, 2010, p. 139)

O autor nos mostra que há de fato uma valorização da oralidade, uma ação que vai além do ato de se comunicar. Transmitir os saberes ancestrais por vias orais perpetua os costumes africanos desenvolvidos no Brasil. As relações a partir da tradição oral ganha sentido quando traz consigo a memória dos ancestrais e isso sacramenta a interação estabelecida. Isto é, inclusive, relevante entre os religiosos do Candomblé. Tanto quem fala, como quem escuta tem importante participação na tradição, pois, a responsabilidade é compartilhada entre os comunicantes e a deferência é indispensável para que se realize corretamente. Qualquer dispersão pode distorcer o conteúdo e a retransmissão ficaria fragmentada ou não faria sentido aos que está sendo retransmitido.

CONSIDERAÇÕES

Dentre as heranças deixadas pelos povos africanos aos brasileiros, a tradição oral tem papel primordial, pois também desenvolvemos entre nós a valorização da palavra. Especialmente entre os povos que se organizaram com crença nas religiões de matriz africana, a oralidade é preponderante na transmissão dos conhecimentos religiosos, pois através da fala comunica-se não somente com outros indivíduos, como também com os ancestrais. Tanto é que se norteiam a partir do contato com o sagrado. Uma vez em contato com a palavra ancestral, passam a se estruturarem de acordo com seus ensinamentos e orientações.



A tradição oral perpetrada pelos africanos e afrobrasileiros têm continuidade por ter sido um bem transmitido pelas gerações antecessoras, que concebiam na palavra dita um fator de responsabilidade e compromisso. Com isso, sua significância tem também origem nos mais velhos, nos agentes responsáveis por transmitir os ensinamentos aos mais novos. É possível ainda sugerir que sua relevância decorre do valor sagrado conferido à fala, seu caráter moral, como vimos em Bâ (2010), e por ser um meio de sabedoria ancestral como asseverou Vansina (2010).

Para uma sociedade permanecer cultivando as tradições orais, mesmo com o advento da escrita, é porque suas bases foram alicerçadas com o forte apelo oral e este elemento tem um significado primaz em sua constituição. Indica que a construção do seu legado foi solidificada de maneira relevante, firmada na oralidade, pelas primeiras gerações tendo continuidade com as sucessoras. Isto sugere que, o que é tradição para um povo, permanece sendo, diante sua importância, pois revela e preserva suas origens.

Tratar da África, ainda que de forma resumida, sem abranger sua totalidade e diversidade, aponta para uma reflexão sobre suas peculiaridades. Nosso foco nesta produção, foi a tradição oral, que influenciou os afrobrasileiros e pode ainda ser vista como elemento preponderante nas religiões de matriz africana, como por exemplo, no Candomblé. A palavra continua tendo significado essencial para os povos que seguem as tradições afro-religiosas e que respeitam o poder da fala. É importante destacar que os agentes das tradições orais, não são apenas contadores de lendas, e contos, como assevera Bâ (2010), tão pouco os griots são seus únicos responsáveis, mas fazem parte desse complexo tradicional, os tradicionalistas, os anciões, os líderes de comunidades e de agrupamentos religiosos. A oralidade é um por assim dizer, um fator de construção, difusão, preservação e propagação do legado de um povo que se erigiu através de sua utilização.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampanté. *A tradição viva*. In: *História geral da África*, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 8, p. 167/212.



BONVINI, Emilio. *Tradição oral afrobrasileira: As razões de uma vitalidade*. Projeto História. São Paulo, (22), junho 2001.

JOUTAR, Philippe. *Desafios à história oral do século XXI*, In: *História oral: desafios para o século XXI*. Org. Marieta de Moraes Ferreira, Tânia Maria Fernandes, Vera Alberti – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra – I*; 3ª Ed. São Paulo: Publicação Europa-América, 1999.

MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: Vivências e invenção pedagógica – as crianças do Opô Afonjá*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999.

_____. *Projeto Irê Ayo – Em busca de uma pedagogia nagô*. In: BOAVENTURA, Edvaldo M. e SILVA, Ana Célia da (Orgs.); *O terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador*. – Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação UFBA. s/d.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. *Memórias D'África: a temática africana em sala de aula*; São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Alberto da Costa e. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Ed. UFRJ, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiro*. [et. al...]. – Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: fundação Cultural Palmares, 2005.

VANSINA, Jan. *A tradição oral e sua metodologia*. In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 7, p. 139/166.

*Recebido em setembro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*